

A emancipação digital entre estudantes de pós-graduação em educação de uma universidade do estado de Minas Gerais

The digital emancipation among postgraduate students in education at a university in the state of minas gerais

La emancipación digital entre estudiantes de posgrado en educación de una universidad del estado de Minas Gerais

Julio Cesar Oliveira Bernardo¹
Acir Mário Karwoski²

Resumo: A sociedade está imersa em tecnologias digitais com relações de interdependências jamais vistas. O contexto educacional, igualmente, vivencia exponenciais transformações nesse sentido. Esta pesquisa parte do princípio de que é imprescindível, além da integração com as ferramentas tecnológicas e sua utilização, a consciência crítica e o desenvolvimento da autonomia diante desses recursos digitais. Com o objetivo de investigar e ponderar sobre dimensões da emancipação digital em alunos de um curso de pós-graduação em educação de uma universidade pública do estado de Minas Gerais, recorreu-se aos processos do conhecimento apresentados pelo The New London Group (1996): experiência, conceito, análise e aplicação como unidades de tematização diante de análise qualitativa. Instrumento de obtenção de dados que se destacou foram entrevistas, que possibilitaram diagnosticar perfis de relacionamentos com as tecnologias, referendar possibilidades e convalidar hipóteses. Entre os resultados observados, a experiência demonstrou ser processo contínuo, o conceito se alinhou à acessibilidade de informações no contexto digital, a análise se emergiu no viés da criticidade e a aplicação se externou sobretudo na renovação de práticas e comportamentos. Os processos de emancipação digital analisados nos comportamentos e nos relatos dos participantes se revelaram não um status, mas uma processualidade de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Autonomia. Emancipação digital. Letramentos. Tecnologias digitais.

Abstract: Society is immersed in digital technologies with never-before-seen interdependent relationships. The educational context, equally, experiences exponential transformations in this sense. This research is based on the principle that, in addition to integration with technological tools and their use, critical awareness and the development of autonomy in the face of these digital resources are essential. With the aim of investigating and considering dimensions of digital emancipation in students of a postgraduate course in education at a public university in the state of Minas Gerais, we used the knowledge processes presented by The New London Group (1996): experience, concept, analysis and application as units of thematization in qualitative analysis. The instrument for obtaining data that stood out were interviews, which made it possible to diagnose profiles of relationships with technologies, endorse possibilities and validate hypotheses. Among the results observed, the experience proved to be a continuous process, the concept was aligned with the accessibility of information in the digital context, the analysis emerged from the perspective of criticality and the application was expressed above all in the renewal of practices and behaviors. The processes of digital emancipation analyzed in the participants' behaviors and reports revealed themselves not to be a status, but a process of human development.

Keywords: Autonomy. Digital emancipation. Digital technologies. Literacy

1 Doutor em Educação, Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), julio.bernardo@uftm.edu.br.

2 Pós-Doutorado em Educação, Doutor em Letras- Estudos Linguísticos, Professor na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), acir.karwoski@uftm.edu.br.

Resumen: La sociedad está inmersa en tecnologías digitales con relaciones de interdependencia nunca antes vistas. El contexto educativo, igualmente, experimenta transformaciones exponenciales en este sentido. Esta investigación se basa en el principio de que, además de la integración con las herramientas tecnológicas y su uso, es fundamental la conciencia crítica y el desarrollo de la autonomía frente a estos recursos digitales. Con el objetivo de investigar y considerar dimensiones de la emancipación digital en estudiantes de un posgrado en educación de una universidad pública del estado de Minas Gerais, utilizamos los procesos de conocimiento presentados por The New London Group (1996): experiencia, concepto, análisis. y aplicación como unidades de tematización en análisis cualitativo. El instrumento de obtención de datos que destacó fueron las entrevistas, que permitieron diagnosticar perfiles de relación con las tecnologías, avalar posibilidades y validar hipótesis. Entre los resultados observados, la experiencia demostró ser un proceso continuo, el concepto se alineó con la accesibilidad de la información en el contexto digital, el análisis surgió desde la perspectiva de la criticidad y la aplicación se expresó sobre todo en la renovación de prácticas y comportamientos. Los procesos de emancipación digital analizados en los comportamientos y relatos de los participantes se revelaron no como un estatus, sino como un proceso de desarrollo humano.

Palabras-chave: Alfabetizaciones. Autonomía. Emancipación digital. Tecnologías digitales.

INTRODUÇÃO

O contexto digital nas últimas décadas vem exigindo cada vez mais, gradativamente, habilidades e condutas voltadas à consciência crítica dos cidadãos imersos em ferramentas e demais tecnologias digitais em constante mutabilidade, em um cenário jamais visto. As pessoas vêm estabelecendo com as tecnologias digitais de comunicação e informação, em maior ou menor grau, relações dialógicas incontestáveis e, diante disso, seguem, além de convivendo, transformando-se por meio delas.

A sociedade vem-se imergindo nas tecnologias digitais. Naturalmente, o campo educacional também se insere nelas e, necessariamente, a agência escolar não pode ficar à margem dessa convivência, ao contrário, deve-se valer do emaranhado de possibilidades e igualmente se preparar para os notórios desafios. As tecnologias digitais invadiram a vida das pessoas, em todas as faixas etárias. Diante disso, refletir sobre processos de autonomia, emancipação, sobretudo na educação (Adorno, 2006) e, inclusive sobre a emancipação no contexto digital, é pauta imprescindível.

Uma vez que a educação é uma área permeada de complexidades e constituída por processos, é relevante voltar os olhos para a formação de professores, justamente por tratar-se do público que forma posteriormente pessoas, professores que formarão professore(a)s, atribuindo significados ao próprio processo formativo. Uma maneira

eficaz de aferir processos de mudanças sociais é alinhar e também refletir sobre processos e cenários educacionais relacionados diretamente à formação de professores. Diante disso, este artigo apresenta como objetivo investigar e ponderar sobre dimensões da emancipação digital em alunos de um curso de pós-graduação em educação de uma universidade pública do estado de Minas Gerais, em nível de mestrado.

O cenário digital que nos cerca se apresenta cercado de efervescências culturais. São tempos inclusive de se estar alerta aos avanços e riscos da inteligência artificial (Sichman, 2021), ao encontro da necessidade de que para “[...] maximizar os benefícios dessa revolução educacional, é essencial abordar de forma proativa as questões éticas e os desafios práticos que surgem” (Silva *et al.*, 2023, p. 15). Autonomia, nesta pesquisa e no contexto digital, é encaminhamento para a emancipação.

As maneiras de ler o mundo mudaram (Santaella, 2013), os espaços de aquisição do conhecimento se transformaram, alteraram, “[...] muito mais do que uma mera transposição de suporte” (Kirchof, 2016, p. 215). Nesse contexto dinâmico, a autonomia se eleva à condição da elevação humana, indo ao encontro de Paulo Freire, cuja expertise pontua que o ser humano é justamente “[...] social e histórico, como ser pensante, comunicante” (Freire, 1996, p. 22). Novos tempos requerem no mínimo novas maneiras de se observar criticamente a sociedade e analisar as conjecturas que se (re)apresentam.

Na seção subsequente a esta, apresentamos os principais autores de sustentação teórica que nos possibilitaram os subsídios imprescindíveis para o entendimento da abordagem temática empreendida. Na seção que segue apresentamos o delineamento metodológico utilizado. Posteriormente, apresentamos os resultados encontrados, a respectiva categorização, as inferências, discutindo-se e ponderando as considerações mais emergentes. Esta pesquisa é um recorte de resultados da tese de doutorado apresentada e defendida, em maio de 2024, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

2 REFERENCIAL

Desde os tempos de Roma Antiga, o termo emancipação, naquela época com viés jurídico (Beltrame; Azevêdo, 2017, p. 73), inspira discussões e reflexões. No Iluminismo, ainda, reverberou. Mas podemos afirmar que Kant (2009) que trouxe alinhamento da autonomia com a emancipação propriamente dita, uma vez que possibilitou refletir-se sobre a autonomia no sentido de amadurecimento da capacidade de equacionar-se como sujeito crítico, ao criticar e desnudar que

é difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram a tentativa de assim proceder (Kant, 2009, p.9).

Karl Marx, no século XIX, trouxe a discussão do termo emancipação para o campo político e social, elevando, inclusive no texto “A questão judaica” (1843), a discussão de emancipação política elevada idealmente para emancipação humana, que para ele, sim, é a “[...] forma plena, livre de contradições, da emancipação humana” (Marx, 1993, p. 10).

Uma vez que a emancipação do ser humano é essencialmente latente em seu processo de maturidade, a Teoria Crítica, tão bem ex-

posta por Horkheimer (1980), Nobre (2004) e Adorno (2006) vem ao encontro da ação emancipatória. Sua gênese remonta à cidade de Frankfurt, Alemanha, quando em 1923 foi publicado o texto “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” na Revista de Pesquisa Social do Instituto de Pesquisa Social com o objetivo de “promover em âmbito universitário, investigações científicas a partir da obra de Karl Marx (1818-1883)” (Nobre, 2004, p.12-13). A Teoria Crítica trouxe relevante fomento à prática de se analisar contextos e conceitos com a devida criticidade:

Caberá à ideia mesma de ‘crítica’ o papel de realizar essa tarefa. Há certamente muitos sentidos de “crítica” na própria tradição da Teoria Crítica. Mas o sentido fundamental é o de que não é possível mostrar “como as coisas são” senão a partir da perspectiva de como “deveriam ser”: “crítica” significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que não é, mas pode ser (Nobre, 2004, p. 9-10, destaques do original).

Posteriormente ao epicentro da Teoria Crítica, Theodor Adorno trouxe com propriedade a discussão da emancipação para a área da educação, provocando com “educação para a contradição e para a resistência” (Adorno, 2006, p. 66), defendendo educação política como condição *sine qua non* para a formação plena cidadã, chamando a atenção para o fato de que “[...] o problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente — e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais — pode enfrentá-lo” (Adorno, 2006, p. 182). Nessa mesma linha, Freire (1996, 1994, 1997), refletindo sobre a opressão, a autonomia e a esperança, consolida ao contexto da formação humana a imprescindível autonomia do sujeito em toda sua plenitude para a existência cidadã, dando à educação um papel de destaque na transformação sociopolítica do indivíduo.

No Brasil, especificamente, o termo emancipação digital teve precursão em conferência internacional sobre emancipação digital, realizada no Brasil pela Cidade do Conhecimento na Universidade de São Paulo, em 2005, com

o intuito de se suscitarem discussões sobre políticas relacionadas ao desenvolvimento global (Schwartz, [2010], n.p.). Esse mesmo pesquisador, sobre a emancipação digital, ratifica que ela essencialmente apresenta o “deslocamento do paradigma da ‘sociedade da informação’ para um que tenha a ‘sociedade do conhecimento’ como horizonte” (Schwartz, 2006, p. 128).

A Pedagogia dos Multiletramentos, conceito do *The New London Group (1996)*, um grupo de pesquisadores da Austrália, Inglaterra e Estados Unidos que publicou um manifesto em 1996 refletindo sobre linguagens e letramentos potencializados sobretudo por novas tecnologias (Pinheiro, 2021, p. 12) também subsidia a discussão sobre emancipação digital, especificamente quanto aos processos do conhecimento “experientiar, conceitualizar, analisar e aplicar” subsequentemente reformulados por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020). Esses processos foram utilizados como temas categorizados e analisados, como ilustrado em seção adiante.

No decorrer do início da pesquisa, entretanto, o termo emancipação precisou de um referendamentado. Autonomia, cidadania e emancipação são termos que dialogam, entrelaçam e se complementam. São termos que aparecem em plataformas científicas de buscas, mas foi ao encontro do entendimento de Tonet (2005) que, sobretudo comparando cidadania a emancipação, afirma que a “[...] primeira é uma forma de liberdade essencialmente limitada” ao passo que emancipação está para “uma forma de liberdade ilimitada, que abre a perspectiva de autoconstrução infinita para o gênero humano” (Tonet 2005, p. 469). A assertiva desse autor corroborou para a escolha por ‘emancipação’ pelo entendimento de sua amplitude.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção discorreremos essencialmente sobre dois tópicos: a caracterização do lócus da pesquisa e dos participantes e sobre a categorização dos dados, por meio de tematização em pesquisa qualitativa. Delinear sistematicamente sobre onde, com quem e como investi-

gar o objeto da emancipação digital foi crucial para se chegar aos resultados alcançados e realizar as respectivas inferências.

Pesquisa aplicada e de campo ao encontro dos apontamentos epistemológicos de Gil (2002), utilizou entre os instrumentos questionário diagnóstico, entrevista inicial e entrevista final, o que possibilitou, longitudinalmente, acompanhamento eficaz. Entretanto, foram as entrevistas que permitiram maior acesso aos significados mais expressivos.

3.1 LÓCUS DA PESQUISA E DOS PARTICIPANTES

O lócus da pesquisa foi uma universidade pública do estado de Minas Gerais, precisamente o programa de pós-graduação em educação dessa universidade. Buscou-se a pós-graduação na área de educação justamente por ser agência de formação de professores, mestrados em educação, potencialmente professores de professores. Uma vez que a educação é energia motriz da sociedade, não vislumbramos melhor lugar para investigar processos de emancipação digital.

Foram convidados e começaram efetivamente a participar oito mestrados em educação, de diferentes conteúdos de pesquisa pretendida (diversidade de abordagens e temas) e de atuação na esfera educacional (professores de educação básica e superior, pedagogos, especialistas e dois deles, apenas pesquisadores - sem atuação profissional na área educacional ainda). A comunidade de discentes do programa foi convidada, exigindo-se, unicamente, início do curso de mestrado em educação no 1º semestre de 2022. O critério de escolha foi por ordem de manifestação de interesse. Dos oito mestrados, sete participaram de todas as atividades propostas até o fim.

3.2 DA CATEGORIZAÇÃO DE DADOS

O questionário inicial foi realizado com a proposta de se levantar diagnóstico sobre a realidade dos participantes a respeito da maneira como conviviam com as tecnologias, verificando-se uma diversidade de projetos de pesquisa empreendidos e contextos. Os perfis também se mostraram múltiplos, como, por

exemplo, alguns com mais tempo de exposição a tecnologias que outros, assim como distintas preferências de leitura em suporte digital ou em papel, entre outras facetas que ilustraram diversidade de tipos de usuários que certamente enriqueceu a amostra, que se revelou ainda mais no momento das entrevistas (uma no início do curso e outra na iminência do término/defesa da dissertação).

Os instrumentos possibilitaram ampla base de dados, utilizando-se para categorização a técnica da tematização delineada por Fontoura (2011) diante de aprofundamento de análise qualitativa referendada por Minayo (2012). Utilizamos como temas para categorização os quatro processos do conhecimento apresentados em sua gênese pelo *The New London Group* (1996), sendo, respectivamente,: “experiência, conceito, análise e aplicação”, reformulados posteriormente por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020).

A adequação desses quatro processos do conhecimento como temas categorizados foi providencial e nitidamente ao encontro da (re)significação e validação de práticas relatadas, comportamentos e reflexões sobre a emancipação no contexto digital.

Colaborou intensamente no processo da análise a fundamentação teórico-metodológica de Minayo (2012), que elenca premissas para análise qualitativa de pesquisa, com destaque para o atento estabelecimento de estratégias de campo. Ao encontro, a necessidade da definição de contextos e significados enfatizada por Fontoura (2011) precedida pela observação de coerência, semelhança, pertinência, exaustividade e exclusividade na análise dos temas em processo contínuo de (re)leituras e interpretação proporcionaram rico material.

4 RESULTADOS

Nesta seção, procuramos apresentar de maneira sintética a abordagem junto aos participantes, buscando aferir conteúdos obtidos no momento das entrevistas, as quais se mostraram o carro-chefe dos dados obtidos. Uma vez que o que se buscou junto aos par-

ticipantes foi a relação que eles tinham e o que desenvolviam ou não com as tecnologias digitais no dia a dia e sobretudo na prática enquanto professores em formação e pesquisadores, os processos do conhecimento estabelecidos pelo *The New London Group* (1996) e reformulados por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) vieram com muita propriedade constituir temas passíveis de categorização em pesquisa qualitativa, possibilitando eficaz percepção de contextos e significados como apreendido por Fontoura (2011).

Encaminhando-se o *status* de emancipação digital nesse público de participantes para “[...] um *design* de sequências de ação de conhecimento que possam atender a domínios sociais e acadêmicos” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 80), encontramos, conforme a seguir.

4.1 EXPERIÊNCIA

De acordo com os autores que reformularam os processos do conhecimento, a experiência está entre o “conhecido” e o “novo”, “experimentar o conhecido” e “experimentar o novo” diante daquilo que é familiar e daquilo que possibilita ao menos alguma identificação (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 77). Esses mesmos pesquisadores contextualizam o fato de “[...] que se aprende aquilo que é socialmente relevante e conectado com as experiências de vida e as identidades dos aprendizes” (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 77) em ampla consonância com Vygotsky (1991).

Indagados sobre suas experiências e vivências pregressas e atuais com as tecnologias digitais, os participantes, assim responderam:

[...] inclusive a minha pesquisa da especialização quanto da graduação foi das tecnologias na educação (P1, 2023).

Na minha infância, lembro de ter acesso a computador e internet a partir dos 11 anos (P2, 2022).

Eu formei durante o período pandêmico, na graduação, então eu tive bastante relação com a tecnologia porque todos os meus estágios foram realizados no período virtual, então eu precisei aprender mexer com tecnologias de montar aula, preparar aula, Google Meet... (P3, 2024).

Sempre trabalhei mais em escritório ou instituição pública, então a gente sempre teve uma relação com o computador, com os sistemas próprios das instituições, sejam elas públicas ou privadas, então no trabalho eu sempre usei (P4, 2024).

Após o ingresso no mestrado, né, a partir das apresentações das disciplinas, as aulas que envolviam muito ali a perspectiva das metodologias ativas, sala de aula invertida, eu fui me aprimorando mais, então eu aprendi a usar algumas ferramentas que eu conheci durante as aulas (P5, 2023).

Além da experiência, né, com as próprias aulas serem no contexto digital (P2, 2024). [...] enquanto eu não consigo eu vou mexendo, mexendo, mexendo procurando meios para facilitar o entendimento (P5, 2022)

Notoriamente, foi demonstrado que os participantes trazem mescladas suas experiências pré-existentes com aquelas em desenvolvimento, como discutiremos adiante.

4.2 CONCEITO

Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 77-78) trazem o processo do conhecimento relacionado à aprendizagem conceitual (conceito) de maneira intrínseca à gestão de informações e à capacidade de organizar processos de autoformação e aprendizagem, enfim, relacionando à organização do conhecimento e à categorização de teorias e conceitos de maneira geral.

Entre os participantes, destacaram-se as pesquisas em plataformas e arcabouços digitais, como se observa:

Às vezes o material bibliográfico você encontra com mais facilidade por meio das tecnologias (P1, 2022).

Então eu separo os artigos que me interessam e vou trazendo em forma de referências (P1, 2023).

Eu utilizei muito o Google Acadêmico, o academia.edu, eu fiz análise de documento e os documentos que eu analiso estão disponíveis (na internet), são documentos públicos [...] (P4, 2024).

Eu fiz uma pesquisa, uma revisão bibliográfica em alguns sites, em cinco livros [...] aí depois selecionei mais... (P6, 2023).

Eu encontrei na internet muito fácil (P4, 2024).

A partir desse direcionamento a gente consegue ter uma leitura de qualidade, porque você direciona e você seleciona aqueles artigos que estão relacionados (P7, 2024).

Eu fiz duas revisões bibliográficas [...] sempre utilizando primariamente o digital [...] Às vezes você tem o nome de um autor, mas você não tem o nome da obra, joga o autor e pesquisa entre o que aparece [...] (P2, 2024).

Os participantes reconheceram em totalidade as facilidades de acesso a conteúdos em ambiente digital de maneira ampla e diversa e, principalmente, demonstraram propriedade para se valerem dessas possibilidades com a devida criticidade, como se observa na próxima subseção.

4.3 ANÁLISE

Neste processo do conhecimento, os pesquisadores Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 79) instigam a reflexão sobre o “analisar criticamente”, delineando o comportamento necessário de que aos alunos aprendizes cabe interrogar “[...] os propósitos relacionados aos significados ou às ações, com base na interpretação do contexto sociocultural”. Conforme Bernardo (2024, p. 139), esse processo de analisar criticamente “[...] traz estreita relação com a percepção da lógica, do fazer sentido. É um conjunto de constatações, observações, ponderações e avaliação de perspectivas”.

Neste processo do conhecimento/tema, os participantes se viram instigados a refletirem e ponderarem seus respectivos contextos com criticidade, criticidade essa além da observação e sobretudo a partir da constatação reflexiva na avaliação de suas próprias práticas. Foi o que afirmaram sobre as tecnologias digitais e as respectivas relações que elas proporcionam.

Eu acredito que sim... existe muita fake, mas também você pode se manter informado por meio delas. Reduz distâncias (P1, 2022).

Acho que a autonomia do professor é essencial para que a disciplina ocorra bem (P3, 2022).

Acho que o primeiro ponto é a gente ensinar as pessoas a terem uma visão crítica sobre as coisas, sobre os temas (P3, 2022). O que eu sempre pondero e até falo para os meus alunos enquanto professor é que você tem sempre que adequar, nem tudo que está ali pode ser 100% usado (P5, 2023).

A dúvida tem que ser uma regra... No estudo, não há resposta. Sempre... Eu, na condição de professor, estimularia meus alunos a duvidarem até do que eu falo (P4, 2022).

Acho que a gente identifica o problema bem, a gente precisa saber entender quais fontes têm credibilidade quais fontes não e como a gente julga (P2, 2022).

Nesse processo do conhecimento, a criticidade vem ao encontro de se constituir potencialmente uma das mais relevantes condutas para desenvolvimento da autonomia e emancipação frente ao inesgotável, incontestável e diversificado contexto digital.

4.4 APLICAÇÃO

Partindo do princípio de que todo conhecimento para ser convalidado precisa de direta ou indiretamente ser aplicado, esse processo do conhecimento, sob o olhar de Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 79) vem com a proposta de que “aplicar criativamente é, portanto, um processo de tornar o mundo novo com novas formas de ação e percepção”.

No contexto digital, percebemos que o “novo”, na maior parte das ocorrências, encaminha-se para não necessariamente a novidade, mas para a reprodução ou ponderação inovadora em processos já conhecidos, mas com imersão diferenciada nas esferas socioe-

ducacional e de (auto)formação, o que muitas vezes pode ser intrínseco, comportamental, o que podemos observar nas respostas relacionadas à aplicação em contexto digital.

Para não ficar de fora, para não perder ou não ter acesso à informação eu acabei optando por fazer uma (rede social) (P6, 2022).

Se aparece alguma palavra que eu desconheço no meu vocabulário, eu tenho a opção de pesquisar na hora ali (P7, 2022)

Agora pós-pandemia é impossível você não usar tecnologias de alguma forma... vai avançar ainda mais porque os recursos tecnológicos, eles não param de crescer, se reinventar... surgem coisas novas e você precisa implementar (P6, 2022).

Uma (participante da pesquisa) falou para mim, virou youtuber e que não largou, que até hoje ela trabalha com isso (P6, 2023).

Eu noto que é um caminho sem volta, a gente... eu acredito que um pesquisador nunca mais vai conseguir fazer pesquisa sem tecnologia [...] principalmente pesquisador que faz pesquisa documental (P4, 2024).

A simples mudança de comportamento ou aceitação da proposta de que as coisas podem ressignificar práticas e contextos de maneira diferente é um ponto de abertura para aplicar conceitos e conhecimentos de maneira produtiva e, às vezes, surpreendente.

Utilizando os relatos (respostas) dos participantes quando perguntados sobre “experiência, conceito, análise e aplicação” em relação às tecnologias digitais em suas vidas, perceptivelmente, o que relataram representaram unidades de contextos, as quais sintetizamos abaixo com algumas unidades de significado (Fontoura, 2011), extraídas desses contextos tematizados, cujas relações discutiremos na seção adiante.

Quadro 1 – Unidades de significados por processo do conhecimento/temas

Processos do conhecimento - temas-	Unidades de significado
Experiência	mexendo, mexendo precisei aprender mexer ter acesso formei, sempre trabalhei sempre usei
Conceito	encontra interessam referências análise de documento seleciona aqueles artigos pesquisa entre o que aparece
Análise	<i>fake</i> autonomia visão crítica sempre pondero dúvida, credibilidade
Aplicação	optando por fazer opção de pesquisar vai avançar ainda mais virou youtuber é um caminho sem volta

É importante observar o quanto a maioria das unidades de significado denotam ideia de ação, atitude, o que nos

Fonte: Bernardo (2024).

evidencia que a emancipação digital se desenvolve efetivamente a partir da práxis. A processualidade do conhecimento opera em âmbito de cognição, mas em contextualizada dinamicidade.

5 DISCUSSÃO

O quadro que finaliza a seção anterior recorta do contexto das respostas das entrevistas unidades de significados, representando algumas amostragens, uma vez que nesse aprofundado processo de análise qualitativa, ao encontro de Minayo (2012), o conteúdo encontrado se fez plurissignificativo e repleto de diversidades de interação com as tecnologias digitais, cada um, ainda, com suas peculiaridades.

Quanto ao tema da experiência, ficou clara a percepção de que cada participante já possuía bagagem de conhecimentos relacionada, alguns mais que outros, mas todos com algo já presente em sua formação quanto à relação com as tecnologias digitais. A experiência se mostrou mais para ação que observação e, no contexto da pós-graduação, uma inquietude

de comportamento também se evidenciou, às vezes de maneira até provocativa, contribuindo assim para a amplitude da autonomia, do amadurecimento, do “vir a ser”, ao encontro de Freire (1996, p. 55).

As unidades de significado “mexendo, mexendo”, “precisei aprender mexer”, “formei”, “sempre trabalhei” e “sempre usei” transitam entre o conhecido e o novo, indo ao encontro também de Dewey (1979, p. 13), quando reitera que “[...] há uma conexão orgânica entre educação e experiência pessoal”. No lócus da pós-graduação, a experiência se mostrou dinâmica, refletida, em constante processo de desenvolvimento em contexto digital e, principalmente, sendo significativa e revalidada para os participantes, corroborando ainda Dewey (1979, p. 16), na afirmação de que “[...] tudo depende da qualidade da experiência por que se passa”.

No tocante ao tema/processo do conhecimento do “Conceito”, os participantes demonstraram simpatia e adesão aos atributos das tecnologias digitais na vida do pesquisador de pós-graduação. Unidades de significado como

“encontra”, “interessam” e “seleciona aqueles artigos”, entre outras, por si só já desnudam a efervescência da autonomia e a possibilidade de capacitação e eficiência para acessar informações em âmbito digital como jamais visto. Esse tema, por sua vez, relaciona-se intimamente com o da “Análise”, no sentido de se precisar refletir sobre a ação de se buscar informação, ao encontro de Schön (2000). No processo da emancipação digital, a criticidade se apresenta como elemento-chave. Unidades de significado como “sempre pondero”, “dúvida” e “credibilidade”, entre as demais, ilustram o viés de (re)construção contínua de ideias e propósitos em educação, dentro do dinamismo social, caminhando-se, nesse sentido, muito além da simples inclusão digital (Schwartz, 2006, p. 128), mas essencialmente para a “educação política” (Adorno, 2006, p. 16) com a função de habilitar, instigar e, conseqüentemente, emancipar no contexto digital.

No tema da “Aplicação”, chamamos a atenção na unidade de significado “virou youtuber” de um participante da pesquisa de mesurado do participante P6 desta pesquisa. Nesse se transformar, “virou”, observamos um contexto de abertura para a inovação tecnológica, novo comportamento, novas maneiras de interagir com as pessoas e com a própria sociedade, em abertura constante para ao menos experimentar o diferente, avaliá-lo, questioná-lo, ponderá-lo, passando-se a interagir com o que antes seria impensável, o que vem ao encontro da Pedagogia dos Multiletramentos (The New London Group, 1996) e da gênese de letramentos sociais (Kleiman, 1995; Soares, 2004) - agora eminentemente digitais.

Todos os participantes, de maneira geral, transitaram entre os temas categorizados e, quanto ao contexto digital, fizeram-se sujeitos ativos do próprio “instante histórico” (Horkheimer, 1980, p. 152) em reflexivo “processo de autoconstrução” (Tonet, 2005, p.477). Entre os participantes que despontaram mais habilidades em um ou outro segmento e aqueles que durante a pesquisa ativaram mais transformações em si mesmos, observamos que a emancipação digital está mais para conduta de alerta ante o contexto digital, capacidade

de interação e principalmente criticidade. A emancipação no universo digital está para a formação docente e humana contínua, sendo, de fato, uma gradação de desenvolvimento humano.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao se propor investigar processos de emancipação digital em contexto educacional, mais especificamente no contexto da formação de professores, um ponto da pesquisa que se destacou foi a diversidade entre os participantes. Cada um deles demonstrou um *status* diante das tecnologias digitais. Experiências se mostraram múltiplas e em contínua formação; conceitos representaram acesso à informação e à aquisição de aplicabilidade de instrumentos de pesquisa; análise se enveredou para comportamento crítico-reflexivo diante do acervo digital perceptivelmente ilimitado e igualmente questionável; e aplicação denotou capacidade de gerir e se relacionar a novos ou inovadores mecanismos e contextos de aprendizagem por meio de tecnologias digitais.

Os processos do conhecimento apresentados pelo *The New London Group* (1996) e reformulados por Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020): experiência, conceito, análise e aplicação vieram ao encontro da proposta de se observar categoricamente como os participantes (pessoas, professores em formação e pesquisadores) lidam com as tecnologias nos mais diversos aspectos de suas vidas. Sob a guarida do aprofundamento da análise qualitativa implementada por Minayo (2012) e a tematização apresentada por Fontoura (2011), os processos do conhecimento se viabilizaram lucidamente como temas para análise, com amplos contextos e elucidativos significados.

Nesta pesquisa, chamou a atenção o fato de que a emancipação digital não é, em si, um *status* de habilidades e competências diante dos instrumentos e das ferramentas que a fundamentam. Observando os participantes, suas especificidades e diversidades, ao encontro de Rüdiger (2011), que delineou condutas tecnófobas e tecnófilas diante das tecnologias, a emancipação digital se mostrou evidenciada

sobretudo pela capacidade de se transitar pelas tecnologias, envolvendo-se e desenvolvendo-se a partir de múltiplas relações, ora de avaliação, ora de aceitação, ora de mudança de comportamento. Esse processo de interação entre indivíduos e tecnologias e a dialocidade agora incrementada por novos espaços e temporalidades, a ubiquidade digital de maneira geral, corroboram a visão sociointeracionista de Vygotsky (1991) e as teorias de Kleiman (1995) e Soares (2004) a respeito de letramentos enquanto práticas sociais da linguagem cujo engajamento segue ao encontro do desenvolvimento da autonomia e respectiva cidadania diante dos multiletramentos.

Em tempos de Inteligência Artificial e respectivo arcabouço exponencial e questionável que ele desnuda à sociedade, o sujeito emancipado digital é uma condicionante para o exercício pleno da cidadania. A Inteligência Artificial, entre seus avanços e riscos (Sichman, 2021) e seus desafios éticos e práticos (Silva *et al.*, 2023) afloram a necessidade de, no mínimo, se observar o mundo digital com cautela e criticidade responsável, trazendo à moralidade desses tempos rigor científico.

Esperava-se possivelmente da emancipação digital, enfim, empoderamento técnico e demais relações de eficiência quanto à usabilidade das tecnologias digitais. Encontramos, no entanto, um contexto de desenvolvimento, interatividade, criticidade, gradação, avaliação e ratificação da autonomia, em concordância com Tonet (2005), de que na vida do ser humano, tanto a emancipação digital quanto social é uma “processualidade”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 2006.

BELTRAME, Matheus Maria; AZEVÊDO, Edmilson Alves de. Emancipação e sua problemática trajetória conceitual. **Problemata**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 72-103, 17 set. 2017. 162 Problemata: International Journal of Philosophy. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/35880> . Acesso em: 23 ago. 2024.

BERNARDO, Julio Cesar Oliveira. **Emancipação digital entre alunos de um curso de pós-graduação em Educação no Brasil**. 2024. 193 f. Tese (Doutorado) – Curso/Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2024. Disponível em: https://btdtd.ibict.br/vufind/Record/UFTM_715576e9d55ecaec4d92e56f8efa53b. Acesso em: 06 mar. 2025.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1062221/mod_resource/content/1/experiencia-educacao-dewey.pdf Acesso em: 10 fev. 2024

FONTOURA, Helena Amaral da. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: FONTOURA, Helena Amaral (Org.). Formação de Professores e Diversidades Culturais: múltiplos olhares em pesquisa. Coleção “Educação e Vida Nacional”. Niterói, **Intertexto**, 2011, p.61-82.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> Acesso em: 15 set. 2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Disponível em: 166 <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf> Acesso em: 12 set. 2024

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Disponível em: <https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/categoriasdownloads/files/20190628210617.pdf> Acesso: 20 set. 2024

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e Teoria

- Crítica. In: BENJAMIN, Walter et al. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramento**. Tradução de: Petrilson Pinheiro. Campinas: Unicamp, 2020.
- KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: que é o Iluminismo? In: KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. (Trad.) Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2009.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. Como ler os textos literários na era da cultura digital?. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 47, p. 203-228, Jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/YtMfqvqScqGdwBBHQc7rDPR/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.
- MARX, Karl [1843]. A Questão Judaica. Tradução de Artur Morão. In: MARX, Karl [1844]. **Manuscritos Económico-Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4449784&forceview=1> Acesso em: 12 out. 2024
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/#>. Acesso em: 25 set. 2024.
- NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2004.
- PINHEIRO, Petrilson. A Pedagogia dos multiletramentos 25 anos depois: algumas (re)considerações. **Revista Linguagem em Foco**, v.13, n.2, 2021. p. 11-19. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5555/4515> Acesso em: 10 nov. 2023.
- RÜDIGER, Francisco. A reflexão teórica em cibercultura e a atualidade da polêmica sobre a cultura de massas. **MATRIZES**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 45-61, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v5i1p45-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38308>. Acesso em: 13 out. 2024.
- SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação: novas mídias e o ensino superior. **Revista Ensino Superior**. UNICAMP, Campinas, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao> Acesso em: 22 set. 2024.
- SCHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad.Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536310121/>. Acesso em: 18 out. 2024.
- SCHWARTZ, Gilson. Educar para a emancipação digital. In: Fundação Victor Civita. **Reescrevendo a Educação: propostas para um Brasil melhor**. São Paulo, Editora Ática/Scipione, p. 125-135, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/2337461/Educar_para_a_Emancipa%C3%A7%C3%A3o_Digital Acesso em: 28 jul. 2024.
- SCHWARTZ, Gilson. Digital Emancipation. [2010]. Disponível em: <https://www.publicsphereproject.org/content/digital-emancipation>. Acesso em: 28 out. 2024
- SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, p. 37–50, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/c4sq-grthGMS3ngdBhGWtKhh#> Acesso em 26 out. 2024.
- SILVA, Keila Ramos da; BARBOSA, Luiz Sergio de

Oliveira ; BOTELHO, Wendrews Lira; PINHEIRO, João Mateus Barbosa; PEIXOTO, Isabelle dos Santos; MENEZES, Itala Vitoria Coimbra Borges de. Inteligência Artificial e seus impactos na educação: uma revisão sistemática. RECIMA21 - **Revista Científica Multidisciplinar** [S. l.], v. 4, n. 11, p. e4114353, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4353> . Acesso em: 26 set. 2024.

SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5–17, jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3S-Gw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 26 out. 2024

THE NEW LONDON GROUP. **Multiliteracies**: Literacy learning and the design of social futures. London: Routledge, 1996. Disponível em: <http://newarcproject.pbworks.com/f/Pedagogy+of+Multiliteracies+New+London+Group.pdf> Acesso em: 22 out. 2024

TONET, Ivo. **Educar para a cidadania ou para a liberdade?** Perspectiva, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 469-484, dez. 2005. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-54732005000200011&lng=pt&nrm=iso . Acesso: em 25 set. 2024

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf Acesso em: 26 set. 2024

Recebido em 14 de novembro de 2024

Aceito em 06 de março de 2025